

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA: INCLUSÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

STUDENTS WITH DISABILITIES IN PUBLIC SCHOOL: INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES PHYSICAL IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

MONALIZA SOARES AZEVEDO DE ALMEIDA

Graduanda em Licenciatura em Educação Física da Faculdade Metropolitana de Fortaleza -
FAMETRO
monalizoares88@gmail.com

VALMIR ARRUDA DE SOUSA NETO

Mestre em Educação pelo PPGE/FACED/UFC
valmir.arruda@fametro.com.br

EDUARDO DE LIMA MELO

FAMETRO
eduardomelo.ef@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar a realidade das escolas públicas no que tange a questão da inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física e como é a prática da disciplina e como o professor lida com os alunos. Para isso utilizamos a coleta de dados, e foi utilizado como instrumento, um questionário do tipo semi-estruturado, aonde chegamos à conclusão de acordo com a coleta, da falta de preparo dos professores de educação física para lidar com os alunos com deficiência, bem como o que a falta de conhecimento para que seja feita a inclusão dos mesmos.

Palavras-Chave: Inclusão; Deficiência; Educação Física.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the reality of public schools regarding the issue of inclusion of people with disabilities in physical education classes and how the practice of discipline and how the teacher deals with students. For this we use data collection, and was used as a tool, a questionnaire semi-structured type, where we concluded in accordance with the collection, the lack of preparation of physical education teachers to deal with students with disabilities and like the lack of knowledge for their inclusion is made.

Keywords: Inclusion; Deficiency; Physical education.

1 INTRODUÇÃO

O interesse por estudar a temática da Educação para pessoas com deficiência na Educação Física surgiu da minha experiência em estágios supervisionados nas escolas, onde observei a total falta de preparo dos professores, diretores e coordenadores, onde os mesmos não tinha interesse, sequer em como aquele aluno com deficiência estava sendo tratado e com aquilo poderia influenciar de modo negativo para o desenvolvimento dessas crianças, destaco ainda a normalidade com que os próprios pais das crianças encaravam aquela situação.

O iniciarmos as pesquisas em torno do assunto em artigos e livros publicados, verificamos que esta situação se alastra por todo país, percebemos que as escolas se dizem interessadas, porém não transformam o discurso em práxis impossibilitando uma mudança real na vida dessas crianças. Notamos, em alguns professores, a vontade para a mudança, podendo destacar, em muitos casos, os professores de educação física, buscando em suas intervenções potencializar as capacidades dos alunos, sendo eles deficientes ou não, possibilitando experiências significativas para que, acima de tudo, o aluno se sentisse capaz dentro da sua individualidade de sua realização corporal.

Buscamos o aprofundamento nas questões ligadas a deficiência física, uma vez que devemos estabelecer os critérios para o encaminhamento da pesquisa. Segundo o Decreto nº 3298/1999 e a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes – ONU a deficiência é alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

A deficiência física refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema ósteo-articular, o sistema muscular e o sistema nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir quadros de limitações físicas de grau e gravidade variáveis, segundo o(s) segmento(s) corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida. Ainda como definição para deficiência física o Ministério da Educação – MEC – (BRASIL, 2006) aponta as diferentes condições motoras que acometem as pessoas comprometendo a mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em consequência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênitas ou adquiridas (BRASIL, 2006).

Ao pensarmos a deficiência física no contexto social percebemos como o discurso da inclusão ainda esta distante de se transformar em prática, pois a realidade ainda é de exclusão e preconceito. Ao localizarmos tal debate na realidade do nosso país, verificamos um quadro ainda mais problemático, onde simples vagas de estacionamento não são respeitadas e o deficiente, de uma forma geral, é visto como um “fardo” a ser carregado, transferindo toda e qualquer responsabilidade para o Estado, eximindo a sociedade civil de seu papel humanitário. Movimentos nacionais e internacionais têm buscado um consenso para formatar uma política de inclusão de pessoas com deficiência física na escola regular. A literatura clássica e a história do homem refletem esse pensar discriminatório, pois é mais fácil prestar atenção aos impedimentos e às aparências do que aos potenciais e capacidades de tais pessoas.

Nos últimos anos, ações isoladas de educadores e de pais têm promovido e implementado a inclusão, nas escolas, de pessoas com algum tipo de deficiência ou necessidade especial. Movimentos nacionais e internacionais têm buscado o consenso para a formatação de uma política de integração e de educação inclusiva, sendo que o seu ápice foi a Conferência Mundial de Educação Especial, que contou com a participação de 88 países e 25 organizações internacionais, em assembleia geral, na cidade de Salamanca, na Espanha, em junho de 1994.

A inclusão escolar, fortalecida pela Declaração de Salamanca, deixa bem claro que cada criança é única e independente de deficiência elas tem direito a educação, e que se fosse feita esta inclusão, seria a forma mais prática de se combater a discriminação, criando assim, um ambiente acolhedor para todas as crianças. Entendemos que a exclusão não se localiza primordialmente na escola, contudo, a criança muitas vezes, já vem de casa com o preconceito, com os estereótipos de que ele é incapaz, que vai para a escola por uma convenção social, não se percebe enquanto participante de um núcleo social.

O quadro fica mais sério, pois os próprios profissionais da saúde frisam apenas os aspectos do que os limita, e o que eles não podem fazer, fazendo disso o diagnostico conclusivo, e retirando assim, todas as perspectiva possíveis de um desenvolvimento positivo, pois os médicos não informam as famílias que eles com deficiência, vão poder se desenvolver o tempo deles, e como eles poderão superar as dificuldades que vão surgir no decorrer da vida.

Então, neste sentido o Professor de Educação Física, tem um papel importante, pois ele pode ser tornar o intermediador da pessoa com deficiência para com a sociedade de um modo geral, sendo ela na escola, no trabalho ou na forma de se relacionar com as outras

pessoas. O reconhecimento para essas pessoas é fundamental, porém todas essas mudanças ocorrem de forma gradativa, inegavelmente mais ações efetivas precisam ser solidificadas nos âmbitos governamentais e no seio da sociedade civil. A Educação Física, portanto vem despertando aos poucos para a sua verdadeira importância.

A atividade física, em níveis variados, tem ajudado pessoas com deficiência a adquirir não só maior mobilidade, mas também resgatam sua autoestima, e equilíbrio emocional. Mesmo deficientes físicos com mobilidade muito reduzida podem praticar esportes, sob a tutela de profissionais qualificados.

“Na escola, pressupomos, conceitualmente, que todos sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos”. (EDLER CARVALHO, 1998, p.170).

Segundo Bueno e Resa (1995), a Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo deficiente. É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos.

A Educação Física Adaptada é uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada pessoa com deficiência, respeitando suas diferenças individuais (DUARTE & WERNER, 1995, p. 9).

Investigamos a preparação dos professores para lidar com os alunos com deficiência física, e ainda conhecemos como ocorre a inclusão dos mesmos nas aulas de educação física, bem como também abordamos as condições das escolas para receber tais alunos com deficiência e quais são os desafios postos pela política de inclusão, aos profissionais de educação física escolar. Fica então para nós o seguinte questionamento: Até que ponto as escolas públicas estão preparadas para receber os alunos com deficiência física? Será que a inclusão, é apenas ocupar o mesmo espaço numa sala de aula ou até mesmo em uma quadra?

2 A INCLUSÃO E UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

A Educação Especial surgiu a partir de instituições religiosas e filantrópicas (REIS & TAKESHITA, 2011). As pessoas com algum tipo de anormalidade física e/ou mental eram alocadas nessas instituições. Essa educação começa principiar-se a partir do momento da

democratização da educação quando as minorias questionaram ser sempre excluídas dos benefícios de uma educação de qualidade, a qual atende uma pequena parcela da população.

O termo inclusão teve sua origem na palavra inglesa *full inclusion*. Segundo Stainback (1992) trata-se de uma abordagem que os autores definem de várias formas. A noção de *full inclusion* prescreve a educação de todos os alunos nas classes e escolas de bairro. Reflete mais clara e precisamente o que é adequado.

Todas as crianças devem ser incluídas na vida social e educacional da escola e classe de seu bairro, e não somente colocadas no curso geral mainstream da escola e da vida comunitária, depois de ele já ter sido excluído. (STAINBACK, 1992, p. 176).

A atividade motora adaptada ou educação física adaptada corresponde a um conjunto de atos intencionais que visam melhorar e promover a capacidade para o movimento considerando-se as diferenças individuais e as disparidades em contextos inclusivos ou não. (Definição da sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, 2012).

Leis e políticas surgem para garantir a esses grupos minoritários o acesso à educação e os benefícios de uma vida digna. Nesse sentido, a educação especial organizou-se tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, que levaram então a criação de instituições especializadas, classes e escolas especiais (Brasil, 2008).

Para essas crianças com de deficiência física, é necessário que seja desenvolvida uma prática educacional mais específica, voltada para cada necessidade no sentido de ampliar as suas capacidades. Estamos falando do discurso que advoga as diferenças concretas entre os sujeitos e procura explicitar que as diferenças sempre existiram, porém por muitas vezes foram negadas pelos educadores.

Segundo O'Donoghue e Chalmers (2000) estudos recentes sobre a atuação do professor em classes inclusivas apontam que o sucesso de sua intervenção depende da implementação de amplas mudanças nas práticas pedagógicas. Assim a adoção de novos conceitos e estratégias, como a educação cooperativa.

A Legislação Educacional Brasileira elaborou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96 no Capítulo V Art. 58 onde diz que nas escolas regulares, terão o apoio que se fizer necessário, e ajuda especializada para que possa atender a clientela de alunos com deficiência , quando sabemos que a realidade não é esta, pois as escolas, querem tirar de si toda

responsabilidade, no que se trata a integração desse aluno com deficiência como os demais alunos.

3 INCLUSÃO NA ESCOLA

No que se refere, especificamente, às pessoas com necessidades especiais e aos cursos de Educação Física, assunto ligado a este estudo.

No que concerne à área da Educação Física, a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, por meio da Resolução número 03/87, do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física com o portador de deficiência e outras necessidades especiais. A nosso ver, esta é uma das razões pelas quais muitos professores de Educação Física, hoje atuando nas escolas, não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física Adaptada ou à inclusão (CIDADE e FREITAS, 2002, p. 27).

Com princípios educacionais contrários à formação histórica supracitada, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998 pag. 17 e 55), espera que, na prática pedagógica, os professores tenham uma ação diferente dessa formação. Recomendam que: “As políticas educacionais devem ser suficientemente diversificadas e concebidas, de modo a que a educação não seja um fator suplementar da exclusão social”.

Esses Parâmetros indicam, em seus objetivos, que os alunos do ensino fundamental devem ser capazes de: compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Com base nos mesmos princípios teóricos educacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física para o Ensino Fundamental (BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, p. 43,63 e 71) expressam, em seus objetivos gerais, a expectativa que os alunos sejam capazes de: participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais ; participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por

razões sociais, físicas, sexuais ou culturais; participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando algumas de suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais. Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações de cultura corpórea, adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais.

4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE AO DESAFIO DA INCLUSÃO

Dentro de todas as abordagens que já foram realizadas, e de todas as concepções que caracterizam a Educação Física, como uma disciplina importante para o componente curricular, onde podemos entender que todos os alunos tem o direito de participar, e ter acesso aos conhecimentos que dão sentido ao movimento humano (BRACHT, 1997). Concordando assim que todos os alunos tem o direito a vivenciar e experimentar de tudo que esta disciplina proporciona para os mesmos, independente da situação de cada aluno.

No que se refere a Educação Física escolar, o maior desafio do professor de Educação Física é possibilitar que todos os seus alunos, sem exceções, vivenciem todos os conteúdos aplicados, principalmente no que se refere ao conteúdos, de cunho cultural tais como: Jogos, brinquedos, brincadeiras cantadas, danças, esportes e lutas , claro dentro do limite de cada um, e sempre cabe ao professor valorizar as habilidades e possibilidades de cada aluno na sua individualidade, e sempre buscando novas de forma de ser recriar.

Temos sempre que analisar as intervenções realizadas pelos professores, recorrendo à teoria da atividade, a qual foi sistematizada por Leontiev (1978):

É preciso considerar que o nosso corpo carrega marcas históricas, sociais e culturais e está constantemente em busca de uma aceitação social. No caso do aluno com deficiência pesquisado, ele ainda traz consigo marcas físicas que retratam uma diferença em relação ao corpo dito “normal”, “perfeito”, “padrão” (LEONTIEV, 1978, p.101).

O autor na sua descrição citada caracteriza atividade humana como a capacidade que o ser humano tem de significar suas ações no mundo, através do seu corpo, bem como das suas possibilidades e limitações. Trazendo para a sala de aula, nos faz entender das diferenças dos alunos, as quais devem ser respeitadas e trabalhadas, pois cada um traz as suas possibilidades e limitações.

Existe um mundo de possibilidades numa aula de educação física, onde todos os alunos podem aprender e procurar explorar conhecimentos, como explica o autor Asbahr

(2005), ao nascer, o homem encontrou um sistema pronto cheio de significados e apropriar-se ou não dessas significações dependia não apenas das interações sociais bem como também das intervenções, mediações que favoreçam a construção de um sentido pessoal.

As crianças necessitam de um trabalho de educação física direcionado a suas vidas, engajado no trabalho dos demais componentes curriculares da escola, para ver a relação da educação física com a vida e a aquisição de conhecimentos, não apenas com o esporte e a saúde (Palhares e Maronne, 2002, p. 213).

Nós como professores de educação física, temos de fazer um trabalho direcionado para cada aluno, sempre respeitando a sua individualidade, sempre em conjunto com todos da escola, e possamos quebrar os tabus de que a educação física é apenas para o esporte, ou que é apenas uma diversão, quando na realidade, é um momento diferenciado para os alunos aprenderem, a qual eles também podem tirar proveito para a sua vida escolar e social, pois é nas aulas de educação física que eles vão perceber do quanto eles são capazes, e que eles poderão demonstrar suas habilidades da melhor forma possível.

Então nos surge uma questão, de como estão sendo preparados estes professores de educação física. Pois segundo (CARMO, 2002) concluiu-se que o conhecimento referente à educação inclusiva na graduação é tratado de forma precária e deficitária. Nota-se também falhas na formação dos professores. Então, faz-se o seguinte questionamento: Como podemos trabalhar nesse campo se ambos apresentam formações deficitárias?

Acreditamos que isto esteja ocorrendo porque o conhecimento veiculado por essa área, historicamente, foi edificado visando atender concepções unas de saúde, de homem e corpo, deixando de levar em conta que a realidade em que vivemos é diversa e formada concretamente por homens diferentes em raça, cor, sexo, habilidades, capacidades, limites e possibilidades (CARMO, 2002, p. 8).

Diante do que foi exposto ainda há muito que ser modificado na Educação Física e principalmente, na forma como o conhecimento está sendo tratado pelos profissionais da área. Não é nada animador saber que o conhecimento está sendo negado aos futuros professores. Este problema faz a prática pedagógica apresentar-se com várias lacunas perante seus objetivos. Sabemos da complexidade de trabalhar com as diferenças no espaço escolar que antes era permeado pela homogeneização dos corpos. Mas mesmo assim temos que dar sempre o nosso melhor, independente da situação, tomando por base muitas vezes sermos exemplos a serem seguidos.

Assim para as crianças com deficiência, a aula de educação física deve ser tratada como um momento único, onde o professor não faz distinção alguma de aluno e onde o mesmo poderá dar o seu melhor, e assim o mesmo poderá adaptar-se as diferentes realidades, então nós como profissionais da educação física temos este papel de extrema importância, e nos devermos sentir privilegiados quanto a isso.

5 METODOLOGIA

Para coleta de dados foi utilizado, como instrumento, um questionário do tipo semi-estruturado, composto por 10 questões fechadas e 4 abertas. O mesmo foi utilizado na pesquisa de João Serapião de Aguiar no Artigo (Educação Inclusiva: Um estudo na área da educação física). Como procedimentos metodológicos se deu da seguinte forma. O primeiro passo para a aplicação do questionário foi o de solicitar autorização aos organizadores do curso, explicando aos mesmos os objetivos da pesquisa e a ética que envolve estudos desse tipo .

Com a anuência dos organizadores deu-se a aplicação do questionário. Foi entregue um para cada assistente técnico pedagógico responder, na própria sala onde ocorriam as palestras do curso, sendo que foi solicitado a todos os informantes que quiseram participar do estudo, após terem tido esclarecimentos sobre o mesmo, que assinassem um Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa (em anexo), segundo a orientação da Resolução nº 466/2012 do Ministério da Saúde, a respeito de pesquisas envolvendo seres humanos.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi realizada a pesquisa com 10 professores onde foram categorizados quanto ao sexo e ao tempo de experiência na docência. Todos eles são da rede pública de ensino, os mesmos com idade de 25 a 35 anos de idade, escolas estas localizadas, no município de Caucaia, Maracanaú e Bairro do Pirambu. No que se trata de formação acadêmica. 80% dos entrevistados tem apenas a graduação como formação principal, sendo os outros 20% especializados em alguma área da educação física escolar, ou então para algum tipo de esporte específico.

Quando indagados quanto tempo atuavam na área da educação física escolar 80% responderam entre 1e 5 anos de experiência e atuação, os outros 20% entre 5 e 10 anos de atuação na área que são justamente os profissionais entre 30 e 35 anos de idade. Todos quando foram perguntados quanto a possuir conhecimento sobre a educação especial ou

educação física adaptada, todos eles foram afirmativos em dizer que possuíam sim tal conhecimento. Baumel e Castro (2003) destacam que é preciso estabelecer para os professores um processo de desenvolvimento profissional, inovando a prática pedagógica com novas possibilidades de recursos e materiais para o ensino de todos os alunos. Além disso, ressaltam a importância da contínua busca pelo aperfeiçoamento pessoal e profissional do professor. Porém não é isto que vemos no nosso cotidiano. Os professores ficam condicionados a sempre fazer o mais fácil, e com toda certeza lidar e incluir um aluno com deficiência está longe de ser um dos papéis mais fáceis.

Pôde ser verificada na pesquisa em todos os questionários respondidos, que os professores tinham mais de um aluno com determinadas deficiências, tais como: física, mental, auditiva e visual. Agora o que chama mais atenção é que quando questionados ter conhecimentos suficientes para incluir um aluno com algum tipo de deficiência em suas aulas, o resultado alarmante de 90% dos profissionais, responderam não ter esta capacidade, para poder fazer a inclusão de tais educandos. “A inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para as pessoas com necessidades especiais possam buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania” (Sasaki, 1997 *apud* Fernandes & Julio, 2010).

Para Sasaki o processo de inclusão, é muito mais amplo do que possamos imaginar, pois tem de ser feitas mudanças individuais e sociais, inclusive mudanças da própria pessoa com deficiência e isso pode partir do pressuposto que quem pode dar essa ajuda, são os professores, e o profissional de educação física, tem essa missão, mas o que se tem visto são pessoas que não tem interesse em levar o conhecimento para todos, independente dele ser deficiente ou não, então fazem um trabalho, fingindo fazer a inclusão.

Os professores quando foram perguntados o que priorizavam para fazer inclusão dos seus alunos com deficiência, todos eles deixaram esta questão em branco, embora tenham respondido ter alunos com algum tipo de deficiência. Então quando foi pedida a opinião dos mesmos a respeito de quais requisitos se faziam necessários para um professor de educação física, pode incluir um aluno com deficiência física em suas aulas. Eles foram bem taxativos quando disseram que precisavam de mais orientação pedagógica por parte de todos os professores envolvidos no processo de aprendizagem desses educandos.

Pedrinelli (2002) afirma que os professores que não promovem a inclusão dos alunos com deficiência nas suas aulas, possuem a crença de que são desprovidos de conhecimento para atuar com os diversos tipos de diferenças, não sabendo assim, o que fazer e como fazer. Assim este aluno que está presente nestas aulas, não tem uma participação efetiva nas

atividades, fazendo assim uma relação a não participação do aluno com ação pedagógica do professor, sendo assim, quanto menor a ação do professor, menor a participação do aluno.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, teve o intuito de conhecer a realidade das escolas, alunos bem como os professores de educação física estão lidando com os alunos com deficiência física, pudemos chegar a conclusão que muitas das vezes o problema não está na escola, ou no aluno, mas no próprio professor, pois ele é a ponte para encaminhar o conhecimento que o aluno precisa, para se desenvolver em qualquer que seja o aspecto, claro, com um trabalho em equipe bem feito, e quando falo em equipe.

Lidar com crianças não é nada simples, agora lidar com crianças com algum tipo de deficiência é desafiador, e o professor de educação física, tem de estar preparado para este desafio, pois muitas vezes as famílias, não tem o acompanhamento que se faz necessário ao se ter uma criança com deficiência física em casa, então cabe ao professor fazer este papel, de repassar esse conhecimento, e essas informações para os pais, que por muitas vezes não nem é culpa deles, pois quando o filho é diagnosticado com alguma deficiência não é dado nenhum suporte para os mesmos, então eles ficam achando que a criança é apenas aquela deficiência e pronto, não é mostrado para eles, um mundo de possibilidades que existe, que aquela deficiência é apenas um detalhe diante de tudo que aquela criança ainda pode produzir.

Porém pudemos verificar com esta pesquisa a total falta de conhecimento dos professores, bem como a acomodação, no que se refere a como incluir tais alunos, por muitas vezes tem aquele aluno em sua sala e não tem o interesse de conhecer aquele aluno mais de perto. Mesmo eles sabendo que aquele aluno é diferente, e que precisa de um tratamento diferenciado. Por muitas vezes, tem o aluno, mas não buscam o conhecimento que se faz necessário para poder lidar e incluir tais alunos.

Tenho certeza que se todos esses professores de educação física se empenhassem em estudar, ler, especializar-se e o principal se interessassem tenho certeza que faríamos uma educação física diferente do que todo mundo, que somos aqueles professores que todo mundo gosta, que as aulas de educação física, são apenas um segundo recreio, quando na realidade, muitos não tem o mínimo interesse em mudar essa imagem que todos tem dessa classe de profissionais.

Se faz necessário, o andar juntos, o conhecimento e a prática para que possamos conseguir o resultado almejado, que é fazer das aulas de Educação Física uma disciplina para

todos, independente de qualquer situação física ou mental de cada aluno. E assim podemos finalizar os nossos trabalhos com o sentimento de dever cumprido que fizemos o nosso papel da melhor forma possível, que fizemos o que podíamos e o que não podíamos, pois este é o grande desafio do professor de educação física, ser diferente, fazer o diferente e fazer com que todos os alunos possam se sentir especiais.

8 REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião. Educação Inclusiva: Jogos para o ensino de conceitos. Campinas/SP: Papyrus, 2004.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **A pesquisa sobre a atividade pedagógica**: contribuições da teoria da atividade. Revista Brasileira de Educação, nº29, ago. 2005, p. 108-118.

Lei da Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (1989).

BAUMEL, R. C. R. C. e CASTRO, A. M. Materiais e recursos de ensino para deficientes visuais. In.: RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R. C. R. C. **Educação especial**: do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRACHT, Valter. Educação Física: Conhecimento e especificidade. In. SOUSA, Eustáquia Salvadora e VAGO, Tarcísio Mauro. (orgs). **Trilhas e Partilhas**: Educação Física na Cultura Escolar e nas Práticas Sociais. Belo Horizonte: 1997.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais- DEFICIÊNCIA FÍSICA**. Brasília – DF, 2006.

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educacion Fisica para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Malaga : Ediciones Aljibe, 1995.

BURKE, C. **A special kind of hero**. Nova York, Barron's, 1993.

CARMO, Apolônio Abadio do. Inclusão escolar e a Educação Física: Que movimentos são estes? **Revista Integração**. Ano 14. 2002.

CIDADE, R. E. & FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógica na Escola. **Integração**, v. 14 – Edição Especial - Educação Física Adaptada, p. 27-30, 2002.

DUARTE, E. & WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência**: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995, v. 3.

EDLER CARVALHO, R. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA Ed., 1998.

FERNANDES, F., O., & JÚLIO, M. G. O profissional de Educação Física e sua atuação com portadores de necessidades especiais em academias. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, 15(145), 2010. <http://www.efdeportes.com/efd145/portadores-de-necessidades-especiais-em-academias.htm>

O'DONOGHUE, T. A.; CHALMERS, R. **How teachers manage their work in inclusive classrooms**. *Teaching and Teacher Education*, v. 16, p. 889-904, 2000.

REIS, Keila Cristina Gaia dos; TAKESHITA, Thaissa Mayumi da Rocha. **A Educação Física Adaptada no processo de inclusão de crianças com TDAH(Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade)**: Uma contribuição da formação do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física)- Universidade do Estado do Pará, Belém. 2011.54f.

STAINBACK, S. **A integração da pessoa com deficiência**, 1992. p.176.

LEONTIEV, Alexei N. Sobre o desenvolvimento histórico da consciência. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978, pp. 89-142.

PALHARES, M. S. & MARRONE, S. C. F. **Escola inclusiva**. São Carlos: EDUFSCAR, 2002. 286 p.

PEDRINELLI, V. J. **Possibilidades na diferença**: o processo de inclusão, de todos nós. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial Revista Integração. Ano 14, Edição Especial, 2002.